

Experiência e Escritura*

Dr. Denilson Lopes

Para Evando Nascimento

*“Minha vida é um diário. Toda
minha atitude é esta. Eu também
não entendo direito isso. Se eu
entendesse, acho que eu iria fazer
outra coisa”.*

Leonilson

Falando com um amigo sobre a dificuldade de fazer uma reflexão teórica sobre a experiência para concluir este livro, ele me perguntou por que teorizar sobre algo tão particular. Quando ele falava me lembrei de um dos últimos trabalhos de Eve Kosofsky Sedgwick, *Dialogue on Love*¹, uma mistura de lembranças, poemas e diário de terapia, após a autora saber que tinha câncer. Mais do que uma radicalização dos textos fronteiriços entre a crítica e a literatura de *Tendencies*, um diálogo mais do que sobre o amor, um diálogo com o leitor através da escrita, que visa o despojamento de um peso teórico, presente em *Epistemology of the Closet*, ainda fruto de um desejo de legitimar a área de estudos gays por reflexões conceituais. Com meu amigo, com Eve Sedgwick, me lembrei do primeiro motor que me levou aos estudos gays. Estava cansado de grandes teorias, de sistemas de pensamento muito bem-acabados, fechados. Os estudos gays foram pra mim um sinal de arejamento.

Agora, poucos anos depois, tendo passado este impulso e percorrido diferentes formas de buscar dar uma resposta pessoal ao que mergulhei com paixão e sofreguidão, como se estivesse compondo uma outra imagem, o que fazer? Depois de homotextos e homoafetividades, do camp como base para uma estética do artifício, de panoramas históricos, do reencontro com a literatura brasileira contemporânea, com Silviano Santiago, Caio Fernando Abreu e tantos outros, me sentia novamente insatisfeito. Para onde ir? Teria algo ainda para dizer?

A experiência me trouxe para dentro de novo dos estudos gays, dos estudos de gênero. E, ao mesmo tempo, para fora, para outras possibilidades teóricas. Não se trata de responder de forma abstrata como transitar do individual ao coletivo, como Walter Benjamin se perguntava na escrita de *Infância em Berlin por volta de 1900* (cf. GAGNEBIN,

J.M.: 1994, 87), questão que só fica mais candente no contexto contemporâneo em que o falar de si há muito ocupa os espaços midiáticos.

Acreditei profundamente que a crítica autobiográfica, como a auto-etnografia², fosse a forma mais eficiente de transitar de uma experiência individual para uma coletiva. A fragilidade do sujeito que pesquisa e critica se traduz em formas de escrita que não digam dessa fragilidade como uma limitação, mas expressem sua singularidade. Não que entenda que a experiência dispense qualquer reflexão teórica, seja transparente, autêntica. Ainda que seja imediata na percepção, a experiência traz uma estória, uma verdade, não a verdade e é sempre mediada por discursos sociais (ver SCOTT, J.: 1999, 42).

A partir dos estudos culturais e dos estudos de gênero, a experiência não só se insere num solo sócio-histórico, mas se constitui como a encarnação, a narrativização de identidades, transita por elas. Identidade que deve ser vista não como questão lógica, formal, filosófica, mas histórica, social e política. A experiência, lembrando Joan Scott, não é origem de explicação, evidência autorizada, mas o que buscamos explicar, sobre o qual se produz conhecimento (1999, 27), que nos diz que é importante refletir sobre quem fala (idem, 31). Há mesmo uma convergência entre os Estudos Culturais e o Pragmatismo, ao enfatizar que a experiência ocorre sempre num espaço relacional (DEWEY, J.: 1958, 44), sendo uma forma de compartilhar, uma possibilidade de diálogo e comunicação.

A contribuição dos estudos culturais não reside simplesmente na relação entre política e cultura, mas busca entender as narrativas, entre as quais a autobiografia tem um papel importante, como possibilidade de diluir as armadilhas identitárias, no que pode haver de classificatório, rígido. Para ampliar a afetividade no ato da pesquisa é necessário repensar o ato da escrita e sua relação com o sujeito pesquisador. O uso da autobiografia é uma primeira etapa na busca da personalidade no texto, dentro da abertura dos estudos culturais norte-americanos, que se distanciaram de uma base exclusivamente marxista em função de uma pluralidade teórica maior. Não sei se isso implica uma despolíticação ou um abandono do marxismo, mas diz respeito a uma forma diferenciada de estar no mundo, de eticamente cuidar de si para cuidar do outro. Não mais grandes explicações totalizantes de conjuntura, impositivas, mas jogos de imagens, correspondências e narrativas. Eu conto minha estória e você me conta a sua. As narrativas, mesmo escritas em primeira pessoa, são recriações, interpretações, incluem as fragilidades das alterações por que passamos. Não é uma teoria, é uma prática de lidar com diferenças.

Só posso falar de um lugar bem preciso: um professor que escreve. Do que pode falar este professor? Que melhor maneira de mapear suas experiências diante da leitura, diante do ato mesmo da escrita, que surgem mesmo ao ler e escrever, do que narrar a rotina, os bastidores da escrita. Não se trata de explicitar a vaidade do sujeito que se coloca no centro de uma confissão, mas de valorizar a prática do texto, de recuperar o como se faz na sua materialidade, para dentro do que se faz, trazer uma cotidianidade a uma atividade que pode facilmente, e tem sido, apagada, tornada abstrata, conceitual. A escrita se torna uma aventura de um sujeito submetido e fascinado por um volume enorme de informações, em que as imagens midiáticas se tornam memórias pessoais. A escrita se torna uma pausa, uma possibilidade de deixar marcas, traços. A crítica se faz ainda aventura, para além da dificuldade da comunicação da palavra escrita, afirmação de uma presença, da experiência frágil do leitor diante do texto.

Poderia explorar, em outra oportunidade, as diferentes formas de crítica criativa não para me legitimar, mas para acolher as dificuldades, os riscos de outros na mesma aventura de se colocarem no texto. Mas entre as várias possibilidades para entender a presença do sujeito pesquisador no ato mesmo da escrita, como o retorno da narrativa na história, relatos de testemunho, auto-etnografias entre outras, me detive na crítica autobiográfica, foco deste ensaio, como praticada pelos estudos de gênero, especialmente nos estudos gays. Não se tratava tanto de falar das impossibilidades da escrita, da solidão do escritor, nem de fuga do mundo. Ao contrário, no próprio ato da escrita, e porque não da leitura, é o mundo que se aproximava, é de um pertencimento que falava. Mas esta perspectiva, digamos, comunicacional da experiência e da escrita começou a ser repensada ao reler Roland Barthes e Michel Foucault. Surpresas vieram.

Diferente de Derrida e Deleuze, para ficar com dois outros contemporâneos influentes, Barthes e Foucault se complementam, transformando-se em ícones gays, por biografias ou críticas autobiográficas, nos EUA, como podemos ver pelos trabalhos de James Miller, D. A. Miller e David Halperin ou ainda no belo ensaio de Robert Martin, bem diferentes das leituras de seus conterrâneos como Didier Eribon, Jean Louis Calvet e Patrick Mauriès que, em geral, mantêm uma reverência distanciada, que pode ser vista como crítica aos exageros da política de identidades, ou simplesmente como forma mais sutil ou canônica de lidar com autores e obras tão estimulantes. A esta última linhagem podiam se alinhar os trabalhos mais recentes de autores no Brasil, como Francisco Ortega e Sandra Coelho de Souza.

Quando Foucault e Barthes no auge da influência estruturalista criticaram a noção de autor, falava-se em morte do autor contraposta a análises supostamente mais refinadas que deixassem a linguagem falar. Mas nos trabalhos que se seguem destes autores, eles cada vez vão deixar mais pistas para afirmar não novas experiências científicas, que distanciam pesquisador e pesquisado, mas como lidar com o pessoal na escrita, sem recorrer a velhos biografismos.

O impacto dos eventos de 1968 faz de Foucault um intelectual empenhado em pensar o poder não só nos discursos, mas nas práticas. Não mais aquele que no prefácio de *Arqueologia do Saber* afirmava: “Como eu, sem dúvida, outros escrevem para não ter mais rosto. Não me pergunte quem sou eu e não me diga para continuar o mesmo: é uma moral do estado civil; rege nossos papéis. Que ela nos deixe livres quando se trata de escrever” (1986, 20). Penso não ser à toa que simultaneamente a publicação da *História da Sexualidade*, entre 1978 e 1984, Foucault vai dar suas entrevistas mais pessoais, gêneros poucos nobres, mas lançam um outro olhar sobre sua obra, marcada por experiências-limite e por crises.

A experiência para Foucault (1994, 43), não é como para a fenomenologia de um olhar reflexivo sobre um objeto qualquer do vivido, ao se defrontar com o cotidiano na sua forma transitória para lhe retirar significações (...), de encontrar o sujeito que se é como efetivamente fundador nas suas funções transcendentais. Também se diferencia de uma tradição pragmatista, em que a experiência é conhecimento acumulado e contínuo de eventos passados, necessita de estabilidade e descanso para se concretizar (ver DEWEY, J.: 16/7) e implica uma satisfação nas lutas e conquistas (idem, 19) do presente. Foucault se insere mais na tradição de Bataille, Nietzsche e Blanchot, para quem a experiência, é tentar atingir um certo ponto da vida que seja o mais próximo possível do “invivível”, que requer um máximo de intensidade e ao mesmo tempo de impossibilidade, talvez como para Walter Benjamin, que requer muitas vezes fazer tábula rasa para que possamos ir pra frente (1985: 116). A experiência tem por função retirar o sujeito de si mesmo, de fazer com que ele não seja mais o mesmo. A experiência revela e oculta, tem espaços de luz e de sombras. A experiência não é apreendida para ser repetida, simplesmente, passivamente transmitida, ela acontece para migrar, recriar, potencializar outras vivências, outras diferenças. Há uma constante negociação para que ela exista, não se isole. Aprender com a experiência é, sobretudo fazer daquilo que não somos, mas poderíamos ser, parte integrante de nosso mundo. A experiência é mais vidente que evidente, criadora que reprodutora.

Portanto, longe do mero confessionalismo narcísico de qualquer estrela por um dia, Foucault, numa verdadeira *tour de force*, aponta para as bases de uma ética particular e concreta, em que obra e vida se nutrem, sem se reduzirem uma a outra.

A valorização da ética por Foucault pode ser entendida como desdobramento da politização da noção de identidade, em meio às fronteiras frágeis na contemporaneidade entre o pessoal, o privado e o público, bem como reação aos excessos do individualismo, da mercantilização e da banalização. Esta ética é centrada, sobretudo na experiência da homossexualidade.

Não se trata de simples outing³ do velho mandarim em revistas gays. Falar em seu próprio nome não é necessariamente falar em primeira pessoa do singular, nem escrever suas memórias ou fazer sua psicanálise (DELEUZE, G.: 1992, 111) porque “o estilo, num grande escritor, é sempre também um estilo de vida, de nenhum modo algo pessoal, mas a invenção de uma possibilidade de vida, de um modo de existência” (idem, 126). Isto é o que era a homossexualidade para Foucault, um estilo de vida, “uma questão de existência” (1994, 163), para além do ato sexual (idem, 164), um devir (idem, 163), uma possibilidade de reinvenção de si e das relações a partir da amizade (idem, 166), como alternativa ao sexo-rei, ao puro encontro sexual e ao amor romântico, que isola o sujeito da coletividade. Em última instância, a homossexualidade, para Foucault, era uma ascese, não um ascetismo como renúncia do prazer, mas “o trabalho que fazemos em nós mesmos para nos transformar ou para fazer aparecer este eu que felizmente não se atinge” (idem, 165). Ascese marcada pela importância da escuta, do retorno sobre si e da escritura (idem, 361). Ascese como aprendizagem (idem, 404), experiência de si não como descoberta de uma verdade oculta em nós mesmos, mas uma tentativa de determinar o que se pode fazer e o que não se pode fazer com a liberdade que se dispõe (idem, 408). Longe de implicar renúncia implica progressiva auto-consideração e auto-domínio. A ascese não é uma preparação do indivíduo para uma outra realidade, mas algo que lhe permita aceder à realidade deste mundo, um processo de intensificação da subjetividade (idem, 800). Como bem resume, Francisco Ortega, “a experiência constitui algo do qual se sai transformado. A experiência constitui uma práxis espiritual ou ascética, ou seja, as transformações que deve experimentar o sujeito para alcançar outra forma de ser” (1999, 43). “Se conheço a verdade me transformarei. Talvez me salve ou morra” (103)⁴.

Já Barthes, de certa forma, vai mais além ao fazer após o *Prazer do Texto* não só uma teorização de um texto-limite, a crítica-escritura, mas praticá-la exemplarmente. Se Foucault vai ser adotado por toda uma gama de militantes, Barthes, mais preso às sutis perversões da

escritura, encontra herdeiros em toda uma tradição de crítica autobiográfica, tão fecunda nos estudos de gênero. Escrita militante, talvez mais sujeita aos estereótipos tão temidos por Barthes, mas que não se traduziu em mero epigonismo, redutor de obra tão criadora em conceitos generalizáveis e tiques estilísticos.

A experiência para Barthes é menos uma situação-limite, como para Foucault, ou confronto entre o novo e o previsível, como para Gadamer (1998, 15), do que sutil deslocamento entre saberes e poderes, mudança de olhar. Barthes, talvez demasiado esteta e sutil para uma geração marcada pelo *outing*, pelo dizer claro e alto, nos leva a desconfiar sempre daqueles demasiado confiantes em suas verdades, como ao se falar “eu sou” tudo se resolvesse, tudo se tornasse transparente. Mais ainda, ao reler Barthes no fim deste livro, ele me abre um impasse. Para escrever é preciso elaborar o luto (1990, 92), ir além do ressentimento, da ira: “Saber que não se escreve para o outro, saber que as coisas que vou escrever não me farão nunca amado por aquele que amo, saber que a escritura não compensa, não sublima nada, que ela está precisamente aí onde você não está - é o começo da escritura (idem, 93).

Tencionar os limites da escrita tem sido uma experiência fundamental para mim. Mas ao terminar um livro em que radicalizei o uso da primeira pessoa, a expressão do crítico no ato da leitura, sem temer a exposição, a autobiografia, é como se tivesse chegando num limite, meu limite. Ao voltar a Barthes e Foucault, encontro um redirecionamento. A experiência como busca do impossível, como escritura. Mas isto não é suficiente. É tempo de mudar e procurar outras alternativas intelectuais, textuais. Desde o princípio não pude evitar de sentir um certo mal-estar em escrever em primeira pessoa. Receio de ser demasiado narcisista. Receio de pieguice, sentimentalismo. Superados os receios, mas não as dúvidas. Mudar também nem sempre é rápido.

Sei bem que ser direto é mais uma impostura, um artifício, que a crítica autobiográfica não deve ser condescendente, deve traduzir a força e a fragilidade de uma experiência. Vida e leitura, leitor e escrita se misturam indissolúvelmente. A leve força de tornar-se o que se é.

Mas agora e cada vez mais surge uma necessidade contrária: diluir o sujeito em função da linguagem, da paisagem do texto, de uma escrita mais imagética, objetiva, material, não impessoal, mas deixar as imagens falarem no lugar de expressões de sentimentos. Quadros ao invés de diários. Diante da compulsão do último século de falar

de si, a aventura da invisibilidade, do silêncio, do sublime. Tempo de viajar pelo desconhecido. Não mais confessar ainda que teatralmente, mas contemplar e aguardar. Falar menos. Ser mais sutil e previdente, deixar o frágil eu se recolher um pouco, talvez para me repetir menos. Fica o encantamento do cotidiano. Não é fácil viver, nem escrever nestes tempos. Mas é preciso. Eu quero. Mesmo quando não há nada para contar. As palavras são desejo procurado, conquistado. Não mais mero testemunho. Criar um mundo. Ser outro. Os olhos estão fatigados de ler. Só os dedos querem escrever e eles escrevem. Eu ainda não sei se isto é uma despedida ou um até breve.

Referências Bibliográficas

- BARTHES, Roland. *Fragmentos de Um Discurso Amoroso*. 10ª.Ed., Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1990.
- BENJAMIN, Walter. “Experiência e Pobreza” in *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- CALVET, Louis-Jean. Roland Barthes. São Paulo, Siciliano, 1993.
- DANAHAY, Deborah (org.). *Auto/Ethnography*. Oxford, Berg, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro, 34, 1992.
- DEWEY, John. *Art as Experience*. 3ª. ed., New York, Capricorn, 1958.
- ERIBON, Didier. *Michel Foucault 1926/1984*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- _____. *Michel Foucault e seus Contemporâneos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 2ª. Ed., Rio de Janeiro, Forense, 1986.
- _____. *Dits et Ecrits*. Vol. 4 (1980.1988). Paris, Gallimard, 1994.
- FREEDMAN, Duane et al. (orgs.). *The Intimate Critique*. Durham/London, Duke University Press, 1993.
- GADAMER, Hans-Georg. *O Problema da Consciência Histórica*. Rio de Janeiro, FGV, 1998.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e Narração em Walter Benjamin*. Campinas, Ed. da Unicamp, 1994.
- HALPERIN, David. *Saint Foucault. Towards a Gay Hagiography*. Oxford, Oxford University Press, 1995.
- MARTIN, Robert. “Roland Barthes: Towards an ‘Ecriture Gaie’ ” in BERGMAN, David (org.). *Camp Grounds*. Amherst, University of Massachusetts Press, 1993.
- MAURIÈS, Patrick. *Roland Barthes*. Paris, Le Promeneur, 1992.
- MILLER, D. A. *Bringing out Roland Barthes*. Berkeley, University of California Press, 1992.
- MILLER, James. *The Passion of Michel Foucault*. Cambridge, Harvard University Press, 1993.
- MILLER, Nancy. *Getting Personal*. New York/ Londres, Routledge, 1991.
- ORTEGA, Francisco. *Amizade e Estética da Existência*. São Paulo, Graal, 1999.
- _____. *Para uma Política da Amizade*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2000.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Epistemology of the Closet*. Berkeley, University of California Press, 1990.
- _____. *Tendencies*. Durhan, Duke University Press, 1994.
- _____. *A Dialogue on Love*. Boston, Beacon Press, 1999.
- SCOTT, Joan. “Experiência” in SILVA, Alcione Leite da et al (orgs.). *Falas de Gênero*. Ilha de Santa Catarina, Mulheres, 1999
- SOUZA, Sandra Coelho de. *A Ética de Michel Foucault*. Belém, Cejup, 2000.

“O farol da ilha procura agora
Outros olhos e armadilhas”
Antonio Cícero

* Ensaio de encerramento do livro *O homem que amava rapazes e outros ensaios*, publicado em 2002, pela Ed. Aeroplano. Não é uma conclusão, mas um texto de impasse, que busca responder ao tema da identidade pelo da experiência.

¹ Para uma discussão mais teórica sobre a relação entre estudos de gênero e crítica autobiográfica, ver Nancy Miller (1991) e Duane Freedman (1993).

² Abrange desde quando os etnografados se tornam autores de estudos sobre seu próprio grupo a narrativas pessoais escritas por membros de grupos minoritários até quando os antropólogos inserem experiências pessoais dentro dos escritos etnográficos (DANAHAY, D.: 1997, 2)

³ Assumir publicamente a homossexualidade

⁴ Lembrando que aqui a verdade é uma produção (ORTEGA, F.: 1999, 104).